



EXPERIÊNCIAS ARTEDUCATIVAS CONVERSAS SOBRE O CURSO INTENSIVO DE ARTE NA EDUCAÇÃO- CIAE

Educational Experiences Conversations About the Intensive Course of Art in Education - CIAE

Maisa Cristina da Silva
Universidade Federal da Paraíba
Erinaldo Alves do Nascimento
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este artigo apresenta Experiências Arteducativas do Curso Intensivo de Arte na Educação – CIAE, identificadas a partir da metodologia da Conversa com Arte/educadores egressos do referido curso. Experiência e Narrativa proposto por Walter Benjamin, foi o principal referencial teórico junto com a análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin. A análise dos dados revelou seis categorias de Experiências Arteducativas, a saber: Experiências Arteducativas com a Arte, Experiências Arteducativas com a Epistemologia, Experiências Arteducativas com a Comunidade de Afeto, Experiências Arteducativas com a Profissionalidade, Experiências Arteducativas com a Práxis, Experiências Arteducativas com a Formação Permanente. Os resultados apontam que as seis experiências categorizadas nesta pesquisa estão profundamente inter-relacionadas.

PALAVRAS-CHAVE

Experiências Arteducativas. Curso Intensivo de Arte na Educação - CIAE. Conversa como metodologia.

ABSTRACT

This article presents Arteducational Experiences from the Intensive Course of Art in Education – CIAE, identified through the methodology of Conversation with Art/educators alumni. Experience and Narrative, proposed by Walter Benjamin, was the main theoretical reference along with the content analysis proposed by Laurence Bardin. The data analysis revealed six categories of Arteducational Experiences, namely: Arteducational Experiences with Art, Arteducational Experiences with Epistemology, Arteducational Experiences with the Community of Affection, Arteducational Experiences with Professionalism, Arteducational Experiences with Praxis, and Arteducational Experiences with Ongoing Training. The results indicate that the six experiences categorized in this research are deeply interrelated

KEYWORDS

Arteducational Experiences. Intensive Course of Art in Education - CIAE. Conversation as methodology



Esta pesquisa foi desenvolvida no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV da Universidade Federal da Paraíba- UFPB e da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, entre 2021 e 2023 e teve como objetivo compreender as experiências arteduchativas produzidas no Curso Intensivo de Arte na Educação, a partir da metodologia da conversa com arte/educadores dos egressos produzimos os dados que foram submetidos a análise de conteúdo.

Neste estudo reconhecemos que a conversa tem o poder de estimular e fomentar a construção do conhecimento em interações narrativas com outras pessoas. Assim, valorizamos os colaboradores da pesquisa como coautores no processo de produção científica, reconhecendo-os como parceiros de pesquisa, que contribuem ativamente para a geração de conhecimento. Nessa perspectiva, todos nós, enquanto praticantes da pesquisa, somos igualmente responsáveis pela produção de conhecimento, em um ambiente sem hierarquias preestabelecidas.

A conversa pressupõe a circulação de palavras numa perspectiva de desestabilizar relações de poder verticalizadas e, portanto, colonialistas. Conversar sem o apagamento dos conflitos e tensões sempre presente entre diferentes modos de pensar(se), de dizer (se) de escutar(se) de conhecer(se)... um desafio instigante provocativo que, no encontro com o outro, provocamos a viver a experiência da alteridade: pensar(se) com o outro. (SAMPAIO, 2018, p. 35).

Os Artes/educadores parceiros desta pesquisa são Rosa Vasconcelos, Maria Aparecida Bernabó, Sebastião Pedrosa e Tereza Aragão, que participaram do CIAE entre os anos de 1968 e 1977.

O Curso Intensivo de Arte na Educação foi desenvolvido na Escolinha de Arte do Brasil, no Estado do Rio de Janeiro, entre 1961 a 1981, no período em que as manifestações do Modernismo Cultural proporcionaram uma atmosfera de valorização da Arte Infantil, de forma a torná-la passível de investigação científica, como instrumento da livre-expressão da criança, com a implementação de ensino de arte em ateliê, para a infância, e divulgação da Educação pela Arte e Arte com Experiência Consumatória.

O referencial teórico de Experiência e Narrativa, proposto por Walter Benjamin, foi adotado para caracterizar e identificar, a partir das conversas, as Experiências



Arteducativas compartilhadas pelos Arte/educadores, parceiros da pesquisa. Deste modo, a questão central deste estudo foi: Quais experiências em arte/educação são narradas por Arte/educadores que passaram pelo CIAE?

O acesso às experiências de formação dos artes/educadores no CIAE foram constituídos pela conversa, já os dados foram submetidos a análise do conteúdo defendida por Bardin (1977).

A análise dos dados indicou um número total de quarenta e quatro (44) Experiências Arteducativas no CIAE narradas pelos quatro arte/educadores. Estas experiências foram denominadas de: (1) Experiências Arteducativas com a Arte, 28%; (2) Experiências Arteducativas com a Epistemologia 23%; (3) Experiências Arteducativas com a Comunidade de Afeto 18%; (4) Experiências Arteducativas com a Profissionalidade 12%; (5) Experiências Arteducativas com a Práxis 12%; (6) Experiências Arteducativas com a Formação Permanente 07%.

As nomenclaturas de cada experiência foram estabelecidas com base nos contextos e conteúdos presentes nas conversas dos Arte/educadores parceiros da pesquisa. Para a compreensão sobre essas experiências, a seguir, apresentaremos uma breve descrição de cada Experiência Arteducativa com exemplos e inferências, organizando-as em ordem decrescente de ocorrências.

Denominamos de **Experiências Arteducativas com a Arte**, as experiências que foram constituídas no contato dos arte/educadores com a Arte em suas diversas linguagens e com os artistas, ou no contato com reprodução da Arte em livros, sejam estes contatos nas aulas e oficinas do CIAE, assim como na programação cultural sugerida por Noemia Varela e Augusto Rodrigues, no estado do Rio de Janeiro. As sugestões são compostas por visitas a museus, galerias e espetáculos. Os dados revelam que as Experiências Arteducativas com a Arte apresentam o índice de 32% do total de frequências das experiências dos nossos arte/educadores, constituindo-se em uma experiência central no CIAE. Apresentaremos a seguir exemplos dessa experiência:

PEDROSA – Existia já essa coisa de uma interface com as várias linguagens... Porque nós tivemos iniciação musical com Cecília.



MAISA – Hum... Cecília Conde...

PEDROSA – Cecília Conde. É. Cecília Conde. E era... A questão corporal, também, com a própria Cecília. Ela dava muitos exercícios. Tinha a flauta doce: era o instrumento escolhido, porque ela achava que era muito propício para você iniciar qualquer atividade musical. Que é muito fácil de você... Não é dominar, mas, assim, de iniciar, e, se tiver interesse, você desenvolver a sua habilidade musical, através da flauta. Então, eu comprei a flauta, a gente exercitava, improvisava – ela fazia improvisações... Cecília era muito criativa. Muito também... Muito criativa, muito inspirada, levava uma didática muito boa. Então, ela levava você a interagir com o grupo.

PEDROSA – Ela via muito isso de interação, de exploração corporal, de relaxamento... Essa coisa de não ser uma coisa assim, tão técnica. Não. Era vivenciada. Era, emocionalmente, uma coisa trabalhada. E, paralelo a isso aí, nós tínhamos Ilo Krugli, que dava a parte... Tínhamos Pedro também. Acho que era Pedro Domingues. Os dois argentinos.

MAISA – Tinheiros, não é? Dos bonecos?

PEDROSA – Dos bonecos. Exatamente.

MAISA – Tinheiros... (risos)

PEDROSA – Ilo Krugli. É. Animação de objetos. Ele pedia, por exemplo, em uma atividade lá, que a gente levasse qualquer coisa. Aí eu estava lá, no Rio. Eu não estava no meu ambiente. Aí eu peguei emprestada uma bengala de alguém que estava lá no pensionato onde eu morei. E aí eu tive que animar essa bengala, criar dela um personagem. Aí eu criei dela uma pessoa velha, no caso. Com a cabeça assim. Criar histórias, a partir daí. Então era tudo assim, muito interligado. O corpo, o teatro, a dramatização, a música... (ARTE/EDUCADOR PEDROSA).

Conforme apresentado, Experiências Arteducativas com a Arte se constitui como central no CIAE ao valorizar o acesso à Arte em suas diversas linguagens, assim como suas interações fora do ambiente de aulas.

Deste modo, entendemos esta experiência como a Formação dos artes/educadores através da Arte, em conformidade com o filósofo britânico Herbert Read (1986). Mesmo ciente de que o referido filósofo direciona toda a sua análise ao aprendizado e ao desenvolvimento infantil, tomamos a sua ideia central de que a Arte deve ser a base da Educação, uma vez que a Arte é capaz de estimular a criatividade e, assim, desenvolver as expressões estéticas individuais também na formação dos arte/educadores no CIAE.

Corroborando com esta perspectiva, trazemos a compreensão de Noemia Varela, divulgada no documentário “Noemia Varela: uma vida, fazeres e pensares”, de 2017, ao afirmar que: “Se a linguagem arcaica que chamamos Arte, estava presente de uma forma construtiva, dinâmica, profunda, enraizada no processo da vida. E por que, se



está no viver e na existência do ser humano, não está na Educação?”. A partir deste entendimento, não é de se estranhar que Noemia Varela, como coordenadora pedagógica do CIAE, tenha implementado a formação dos Arte/educadores através da Arte.

Nomeadas de **Experiências Arteducativas com a Epistemologia**, as experiências nas quais foram evidenciadas concepções científicas, filosóficas ou empíricas da Arte/Educação. De modo geral, essas experiências surgiram em nossas conversas com os parceiros de pesquisa em ações como: leitura, estudos, seminários e em práticas de ateliê. A partir destes trechos de conversas, reconhecemos a Epistemologia Modernista do Ensino da Arte por apresentar autores que defendem ideias, como a Livre Expressão, a Liberdade Criadora e a Educação pela Arte.

Os dados revelam que Experiências Arteducativas com a Epistemologia é a única presente nas narrativas de todos Arte/educadores parceiros, com o valor de 23% do total das experiências. Fato que nos faz perceber que a epistemologia Modernista do ensino da Arte também é uma questão central no processo de formação em questão. Vejamos os exemplos dessa experiência, a seguir:

TEREZA – Eu me lembro que isso era um negócio que mexia muito, porque você trabalha o corpo, você trabalhava várias linguagens da Arte. Música. A gente escolhia a música e projetava aquilo, e aí criava uma coreografia, na hora, na sala – o que desse vontade de dançar. E depois a gente escrevia, por exemplo, “como é que a gente poderia trabalhar aquilo, poderia trabalhar ciências, coletar elementos naturais e não sei o quê e tal...” Dona Noêmia tinha muita essa coisa, de você educar através da arte, de você trabalhar os conteúdos através da arte. Não só a questão formal. E, eu me lembro disso. Eu acho que esse foi o momento que eu me lembre mais, assim, e a parte de música, também. Da criação de sons; de a gente trabalhar com sons; de repente, harmonizando sons; trabalhar percussão; criar... Isso... (ARTE/EDUCADORA TEREZA).

No trecho de nossa conversa, a arte/educadora Tereza Aragão evidencia a tendência da Educação Através da Arte elaborada por Herbert Read. Para o referido autor:

A arte não deve ser tratada como uma coisa exterior a ser inserida no esquema geral da educação. Por outro lado, esta também não pode ser considerada incompleta sem a arte. Há um certo modo de vida que consideramos bom, e a atividade criativa a que chamamos arte é essencial nele. A educação nada mais é



que uma iniciação a esse modo de vida, e acreditamos que essa educação é mais bem-sucedida através da prática artística que de qualquer outra forma. (READ, 1986, p. 21).

Também pode ser observado que, durante o CIAE, foram proporcionados estudos com o livro *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*, de Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain (1977). O referido livro desenvolve uma compreensão de uma formação escolar com orientação para o ensino da Arte, de forma que essa formação seja capaz de oportunizar uma aprendizagem que amplie a expressão emocional e a capacidade criadora de crianças e adolescentes.

Denominadas de **Experiências Arteducativas com a Comunidade de Afeto**, essas são as experiências nas quais a relação entre as pessoas seja capaz de garantir o acolhimento, o pertencimento e as trocas sem hierarquias no cotidiano do CIAE, seja esta relação com outros cursistas, educadores, arte/educadores, artistas ou intelectuais. Esta experiência surgiu nas narrativas dos arte/educadores com um índice de 18% do total das experiências. Apresentamos, abaixo, exemplos dessas experiências:

PEDROSA – Um monte de gente ia pra casa, e tudo, não é? Mas, pra mim, vivendo economicamente, eu almoçava o almoço da Escolinha, que era servido, que a Noêmia era muito prática nesse sentido, e tinha uma cozinheira de mão cheia lá. Embora um espaço pequenininho. Então, era na sala de plástica. Aquela sala, terminava a aula, juntavam-se as mesas todinhas, que viravam duas grandes mesas. Duas grandes mesas. E era servido o almoço ali. Os professores almoçavam com a gente, também. Então existia uma continuidade, no almoço, de discussão, de fala... Não era só fofoca ou brincadeira (ARTE/EDUCADOR PEDROSA).

Para uma compreensão do conceito de Comunidade de Afeto estabelecido nesta pesquisa, recorreremos aos conceitos de Comunidade, de Lazzari (2017), e de Afetividade, em Freire (1996). Assim, o conceito de Comunidade, aqui, abrange diversos contextos socioculturais, em conformidade com Lazzari (2017), que irá afirmar que:

A comunidade não requer mais a existência de um local comum. A noção de território se ampliou. Comum não é a geografia física, mas a das ideias, de valores partilhados. O que é comum tende a emergir cada vez menos a partir



de tradições e mais espontaneamente, de opções de prazer, de lazer, de convívio, de pensar, de manifestar-se. (LAZZARI, 2017, p. 05).

Já o conceito de Afeto, presente ao longo da produção de Paulo Freire, ora denominada de amorosidade, ora de afetividade, ora de generosidade, configura-se no compromisso consigo e com outras pessoas que acolhem as diferenças da humanidade e que, através da dialogicidade, são capazes de tornarem-se conhecimento. Portanto, “A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (Freire, 1996, p. 141).

A partir destas definições, percebemos que as narrativas anteriormente apresentadas evidenciam as Experiências Arteducativas com a Comunidade de Afeto por estabelecerem um ambiente de convívio propício para reflexões sobre Arte e Arte/educação, sobre a vida, sobre o mundo, sobre a formação humana.

Foram nomeadas de **Experiências Arteducativas com a Profissionalidade** as experiências nas quais arte/educadores parceiros reconhecem os docentes do CIAE como bons profissionais, com admiração pela ação docente do ensinar. Nos trechos de conversas, este reconhecimento é anunciado junto com temas, conteúdos e metodologias utilizadas pelos docentes, sejam estes docentes, arte/educadores ou artistas. Esta experiência alcançou o índice de 12% do total de experiências narradas por nossos parceiros. Apresentamos, a seguir, exemplos desta experiência:

MARIA APARECIDA – Aí, voltando ao CIAE. Então, assim, foram vários (professores). Fernando Legas: maravilhoso, também! Aí, fazia a gente cantar. A gente cantava todas aquelas músicas de folclóricas. Ele tinha um vozeirão maravilhoso! A gente cantava. Era uma alegria só. Entendeu? (risos).

MARIA APARECIDA – Então, trazia, também, essa coisa de você valorizar as tuas identidades, como uma coisa de identificação mesmo. Não é? Com a tua cultura, com o teu espaço ou, também, projetar e poder, por exemplo, reconhecer o Nordeste. Entendeu? No fundo, todas as questões colocadas lá pelos professores, pelas pessoas que passaram por lá, tinham essa coisa da identidade. Entendeu? Da percepção do outro.

MAISA – Eu sei: do outro. Da outra cultura...

MARIA APARECIDA – Da outra cultura, da outra pessoa, da outra forma de se

expressar, disso... Entendeu? Cordel. Entendeu? Enfim, daqueles livrinhos de cordel, das histórias. Entendeu? Assim, tivemos aula, também... Até que foi... Acho que foi Augusto que deu. Foi. De gravura. E a gente... Quer dizer, teve uma experiência numa aula gravura em madeira. Tivemos outras



experiências, também, com tinta, com isso, com aquilo. Entendeu? Materiais diversos. Eu não queria esquecer de ninguém. Ah! O Alberto Ribas, que era um bailarino maravilhoso, argentino, lindo e era muito engraçado!

MARIA APARECIDA – A gente dava risada também. A gente teve aula com ele. Entendeu? Sabe? Então, assim, trabalhar o corpo...

MAISA – Parece que você foi sempre uma pessoa de risada fácil. Não é? (risos).

MARIA APARECIDA – (risos) eu acho que assim. Eu acho que eu fui sempre meio palhaça. Não é? (risos).

MAISA – (risos).

MARIA APARECIDA – Enfim, assim, pessoas que, realmente, passaram pelo CIAE e foram deixando seus rastros na gente também. Entendeu? Então, assim, fantástico! Porque eu me sentia mais... Cecília Conde, maravilhosa, também! Sempre falando sobre a música. Entendeu? A música por ser universal. Entendeu?

MAISA – Entendi.

MARIA APARECIDA – Uma coisa que... Você não tinha a linguagem. Não é? Fala. O outro fala da linguagem corporal, o outro fala para linguagem da música, o outro fala da linguagem escrita, a outra corporal. Entendeu? É isso. Na verdade...

MAISA – Pelo que você está falando não existia problemáticas com a questão das linguagens artísticas. Não é?

MARIA APARECIDA – Assim, o curso, em si, ele dava, fazia – digamos assim – um painel sobre as coisas: as abordagens diferentes. Teatro. O Ilo (Arte/educadora Maria).

Para compreender o conceito de Profissionalidade Docente, recorreremos aos estudos de Barreto (2011, 2016), quando nos previne que, nas últimas décadas, o tema vem sendo investigado por diversos pesquisadores, como Roldão (2005) e Sacristán (1995). Assim, a profissionalidade é descrita como:

o reconhecimento social da especificidade da função associada à atividade; o saber específico indispensável ao desenvolvimento da atividade e sua natureza; o poder de decisão sobre a ação desenvolvida e a consequente responsabilização social e pública pela mesma; e a pertença a um corpo coletivo que partilha, regula e defende quer o exercício da função e o acesso a ela, quer a definição do saber necessário. (BARRETO, 2016, p. 41).

Neste sentido, as ações docentes relacionadas nos exemplos acima demonstram o reconhecimento e a valorização profissional a partir de elementos, como destreza, habilidades e saberes específicos próprios do ato de ensinar.

Foram denominadas de **Experiências Arteducativas com a Práxis** as experiências que os arte/educadores parceiros descrevem a indissociabilidade entre teoria e



prática no ato de ensinar dos docentes no CIAE. Essa experiência aparece com o valor total de 12% das narrativas dos arte/educadores. Vejamos os exemplos abaixo:

PEDROSA – No momento era Vânia Granja quem dava aula de plástica. Ela criava exercícios, na verdade, para desenvolver a linguagem visual mesmo, da questão do desenho, a questão da relação dos elementos visuais... Eu não me lembro como ela provocou aquele exercício, mas eu me lembro que eu fiz uma coisa primitiva, uma coisa, assim, do imaginário, que eu vinha daqui e eu acho que eu tinha... Era a árvore do bem e do mal, e do bem. E eu ainda estava muito encucado com as coisas de seminários, também... Aí veio isso à tona (ARTE/EDUCADOR SEBASTIÃO PEDROSA).

Com a intenção de compreender as Experiências Arteducativas com a Práxis, tomamos como referência o conceito de Práxis Arteducativa, elaborado por Azevedo (2016). Para o autor, Práxis Arteducativa trata-se de um conceito aberto, que busca problematizar a questão da teoria e da prática do ensino, aprendizagem e pesquisa em Arte.

Neste sentido, podemos perceber a indissociabilidade da teoria com a prática docente, quando Sebastião Pedrosa narra que sua participação na oficina de Artes Plásticas o leva ao processo de livre expressão. A livre expressão aqui é compreendida como uma concepção de Ensino da Arte ligada à Arte/Educação de Tendência Modernista que permite à expressão seu sentimento. A respeito desta concepção Barbosa (1982) aponta que:

Valorização da livre expressão da criança como um instrumento de investigação de seus processos mentais (Inteligência, tipologia psicológica), na comunidade considerado em si mesmo importante. Concepções do desenho da criança como um produto interno que reflete sua organização mental, porém com um desvio artístico, uma imperfeição formal e uma representação inadequada, mas autocorrigível. Primeiras condenações aos modelos impostos de observação, permitindo à criança procurar seus próprios modelos a partir da sua própria imaginação. (BARBOSA, 1982, p.16).

Em nossa conversa Sebastião percebe que a Práxis Arteducativas empenhada na aula de plástica enquanto cursava o CIAE como um instrumento de no qual sobreveio seu processo mentais.



Nominadas de **Experiências Arteducativas com a Formação Permanente**, essas são as experiências em que foi evidenciada a busca permanente de formação. Estas experiências aparecem apenas na narrativa dos Arte/Educadores Sebastião Pedrosa e Maria Aparecida, configurando-se com o valor de 7% do total das experiências. Vejamos os exemplos dessas experiências:

PEDROSA – Interesse próprio. Era Marília Rodrigues – artista bem evidente nos anos 60. Ela tinha uma gravura forte, uma gravura boa e era muito... E tinha uma japonesa, também, que desenvolvia...
(Arte/educador Pedrosa).

O Arte/Educador Sebastião Pedrosa apresenta sua participação no ateliê de gravura como uma extensão ao CIAE. Evidencia sua busca por aperfeiçoamento, por renovação dos seus saberes, ou seja, se revela como um ser inacabado.

Diante deste entendimento, buscamos em Freire (1996) a compreensão da inconclusão do ser humano como um fenômeno vital ao ser que se sabe inacabado, mas que continua em sua busca permanente de formar-se, em conhecer. Freire explica que:

Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhes são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. (FREIRE, 1996, p. 55).

De modo geral, os quatro arte/educadores parceiros desta pesquisa, ao compartilharem suas experiências produzidas no Curso Intensivo de Arte na Educação, transmitiram suas compreensões de um curso no qual as experiências estão profundamente inter-relacionadas. No exemplo a seguir explicarei esse raciocínio.

Para que as Experiências Arteducativas com Práxis possam ser apontadas como experiências relevantes para os cursistas do CIAE, é preciso que as bases epistemológicas estejam muito bem articuladas nas ações pedagógicas. Tanto é que



as Experiências Arteducativas com a Epistemologia foram evidenciadas nas conversas de todos os quatro arte/educadores parceiros desta pesquisa.

Para que os docentes do CIAE fossem reconhecidos e valorizados como bons profissionais, como são constituídas as Experiências Arteducativas com a Profissionalidade, é preciso reconhecer que os docentes no CIAE exerceram uma excelente práxis arteducativa e para poder desenvolver uma excelente práxis educativa é preciso, igualmente, ter excelentes bases epistemológicas. Deste modo, compreendemos que todas as seis experiências categorizadas nesta pesquisa estão profundamente inter-relacionadas.

Outro dado relevante é pensar a comunidade de Afeto como elemento importante para a formação do Arte/educador e sua humanidade. As vidas interrelacionadas na formação proporcionada pelo CIAE foram capazes de acreditar e continuam fomentando a produção de conhecimentos em/sobre artes em cada recanto do Brasil profundo intensificaram o Movimento Escolinhas de Arte.

Referências

AZEVEDO, Fernando Antônio de. **A Abordagem Triangular no Ensino Das Artes como Teoria e a Pesquisa como Experiência Criadora**. Jaboaão dos Guararapes, PE: SESC, 2016.

BARBOSA, Ana Mae. **Recorte e Colagem: Influências de John Dewey no ensino de arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1982.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BARRETO, Magna Sales. **A Constituição da Profissionalidade Docente de Estudantes do Curso de Pedagogia da UFPE**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAZZARI, Arthur. Comunidade: a busca de um conceito. **Revistas espacios**, v. 38, n. 3, p. 4, 2017.

LOWEBFELD, Viktor; BRITTAN, W. Lambert. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

NOEMIA VARELA: Uma vida fazeres e pensares. Direção de Fernando Azevedo. Vídeo. Recife: 2017. 25 min., son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uo6vmtCovFw>. Acesso em: 05 nov. 2021.



READ, Herbert. **A Redenção do Robô: Meu Encontro com a Educação Pela Arte**. São Paulo: Summus, 1986.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de Pesquisa, por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

ROLDÃO, M. do C. **Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 94-103. jan./abr., 2007.

SACRISTÁN, Gimeno J. **Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores**. In: NÓVOA, Antônio. Profissão professor. Portugal: Porto Editora, 1995. p. 63-92.

SAMPAIO, Carmen Sanches. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de Pesquisa, por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.